

Comportamento Semanal de Mercado

26 de abril a 3 de maio



Cautela e serenidade

Sob o impacto da recalibragem das perspectivas em relação à trajetória da política monetária nos EUA, a última Pesquisa Focus revisou as suas projeções para a Meta Selic, desconsiderando o *forward guidance* da reunião de março, projetando uma redução de -0,25 p.p., ao invés do -0,50 p.p. sinalizado e alinhando-se a precificação do mercado futuro de juros. Paralelamente, as estimativas do IPCA para 2025, mais relevantes para o horizonte da meta, deterioraram-se de 3,60% para 3,64% (3,53% há 4 semanas).

Porém, se faz a necessária cautela e serenidade na avaliação dos mecanismos de transmissão da conjuntura externa sobre a dinâmica inflacionária, separando as mudanças estruturais dos aspectos circunstanciais. Apesar da adversidade no cenário e da desancoragem das expectativas inflacionárias, haveria condições para o cumprimento do *forward guidance*, evitando um mau entendimento que prejudicasse a credibilidade neste instrumento. A sustentação não teria impacto significativo na curva de juros, manteria a política monetária em patamar contracionista e poderia ser combinada com a alteração na comunicação. Ao atenuar a volatilidade, essa decisão implicaria também a suavização das flutuações do nível de atividade econômica.

À espera da decisão do Comitê de Política Monetária (Copom), houve uma série de fatores positivos que mitigaram os impactos da recente deterioração na avaliação do balanço de riscos para inflação. Na semana passada, o humor dos investidores melhorou subitamente com a leitura de que não haverá elevações na taxa básica de juros, o menor ritmo mensal de redução do estoque dos *Treasuries* no balanço do Federal Reserve (Fed) e os números favoráveis do *payroll*. Como desdobramento, em 03/05, a ferramenta FedWatch do CME Group apontava uma probabilidade de apenas 8,5% para manutenção do atual patamar entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a. em dezembro. Adicionalmente, a cotação do petróleo exibiu uma forte redução de -7,3% na semana para US\$ 82,96, o menor patamar desde 12/03/24.

Com esse refluxo em variáveis importantes e o melhor desempenho do que a média de seus pares emergentes, o real apreciou-se em 0,85% na semana, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,07 e alcançando o menor patamar desde 10/04/24. Em menor grau, favoreceu também a elevação de estável para positiva, a perspectiva para o rating Ba2 do Brasil pela Moody's, motivada pelas expectativas positivas para o crescimento econômico, uma consolidação ainda que gradual do cenário fiscal e uma posição externa sólida. Alinhando-se à boa performance dos indicadores de alta frequência, as projeções de crescimento do PIB continuaram melhorando, com a Focus indicando uma expansão de 2,05% em 2024 (1,90% há 4 semanas). Depois do estresse nas últimas semanas, as taxas futuras de juros voltaram a recuar, entretanto permanecendo em patamar mais elevado do que o observado há 1 mês atrás. Em patamar contracionista, a taxa real de juros ex-ante fechou em 6,33% a.a., o que representou uma queda de -0,11 p.p. na semana e uma alta de 0,13 p.p. em relação a 03/04.

Na semana que se adentra, atenção especial deve ser dada ao IPCA, em especial na evolução dos dados qualitativos, principalmente nas medidas de núcleos, subjacentes e serviços, além dos dados da inflação no atacado com a divulgação do IGP-DI. Ainda para o período, destaque para as divulgações dos dados fiscais, pesquisa mensal do comércio, produção de veículos, crédito ao consumidor nos EUA, confiança do consumidor da Universidade de Michigan, PMI serviços e vendas no varejo na Zona do Euro e PMI Caixin serviços e balança comercial na China.

Expectativas

Sob o impacto da recalibragem das perspectivas em relação à trajetória da política monetária nos EUA na precificação dos ativos financeiros internacionais, os analistas que participam da Pesquisa Focus revisaram as suas projeções para a Meta Selic. Com a normalização da sua divulgação, o mais recente boletim passou a desconsiderar o *forward guidance* da reunião de março do Copom, projetando uma redução de -0,25 p.p., ao invés do -0,50 p.p. sinalizado. Como consequência, para a reunião de junho, a mediana das projeções elevou-se de 10,00% a.a. em 26/04 para 10,25% a.a. em 03/05.

Para o final de 2024, o aumento foi de 9,50% a.a. para 9,63% a.a. em 03/05 (9,00% a.a. há 4 semanas). A pesquisa mensal com as distribuições de frequência mostrou que o percentual de respondentes que acreditam que a Selic encerrará 2024 entre 9,50% e 10,00% elevou-se de 5,0% em 28/03 para 42,7% em 30/04 (3,7% em 29/02). Já as estimativas para 2025 para a Selic continuaram em 9,00% a.a. pela 2ª semana consecutiva (8,50% a.a. há 4 semanas). Para 2026, as previsões passaram de 8,63% a.a. em 26/04 para 8,75% a.a. (8,50% a.a. há 4 semanas), enquanto para 2027 continuaram em 8,50% a.a..

No que tange ao cenário inflacionário, a projeção para o IPCA de abril reduziu de 0,35% para 0,34%, a de maio subiu de 0,25% para 0,29% e a de junho permaneceu em 0,17%. Assim, o IPCA esperado para esse ano passou de 3,73% para 3,72% (3,76% há 4 semanas). Com maior peso no horizonte relevante para a política monetária, as estimativas do IPCA para 2025 passaram de 3,60% para 3,64% (3,53% há 4 semanas), afastando-se ainda mais do centro da meta de 3,0%. Há 44 semanas também desancoradas, as previsões para 2026 e 2027 continuaram em 3,50%.

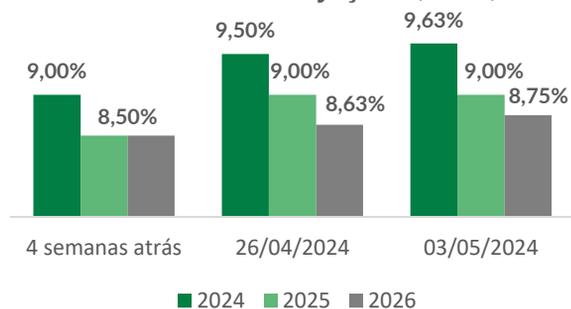
A mesma pesquisa com as distribuições de frequência indicou uma melhora no quadro das expectativas para 2024, com as estimativas do IPCA abaixo de 3,74% passando de 48,9% em 28/03 para 54,1% em 30/04 (43,9% em 29/02). Por sua vez, para 2025, houve uma redução da 24,6% para 13,4% na parcela de projeções inferiores à 3,40%.

Na semana, a curva da inflação implícita construída com base nas negociações das NTN-Bs também refletiu a queda nos prêmios de risco verificada no final da semana. Entre 26/04 e 03/05, o indicador para 1 ano caiu de 3,67% para 3,65% (3,76 há 4 semanas), o de 2 anos de 4,21% para 4,09% (4,27% há 4 semanas) e o de 3 anos de 4,54% para 4,39% (4,57% há 4 semanas).

Alinhando-se à boa performance dos indicadores de alta frequência, as projeções de crescimento do PIB continuaram melhorando, com a Focus indicando uma expansão de 2,05% em 2024, ante 2,02% anteriormente (1,90% há 4 semanas). Para os anos de 2025, 2026 e 2027, as estimativas estão acomodadas em 2,0%.

Apesar dos ajustes na trajetória da Selic e inflação estarem, em maior peso, refletindo a recente elevação na volatilidade na taxa de câmbio, não houve ajustes no cenário esperado, com o US\$ mantendo-se estável em R\$ 5,00 ao fim de 2024, em R\$ 5,05 ao término de 2025 e em R\$ 5,10 aos finais de 2026 e 2027. Por fim, outro fator apontado para piora nas expectativas, as projeções do lado fiscal pouco se alteraram. Em relação ao PIB, o déficit primário para 2024 variou de -0,70% para -0,67%, para 2025 seguiu em -0,68% e para 2026 em -0,50%. Para 2027, a previsão oscilou de -0,25% para -0,23%.

Selic - Mediana das Projeções (% a.a.)



IPCA - Mediana das projeções (% a.a.)

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	03/05/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
abr/24	0,34	0,35	0,30
mai/24	0,29	0,25	0,23
jun/24	0,17	0,17	0,18
2024	3,72	3,73	3,72
2025	3,53	3,60	3,64
2026	3,50	3,50	3,50

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Sem progressos adicionais na convergência da inflação para a meta de 2,0%, o Fed manteve a taxa básica de juros inalterada entre 5,25% e 5,50% a.a., reiterando que o início da flexibilização monetária não está próximo e dependerá da evolução da inflação e emprego. Ainda que se tenha excluído do comunicado o trecho que aventava a possibilidade de que a taxa de juros pudesse ser reduzida em 2024, a leitura da afirmação de que precisará de fortes evidências para entender que a política não esteja restritiva o suficiente mitigou consideravelmente as chances de uma eventual elevação. Outro aspecto que contribuiu para um sentimento mais otimista, foi o anúncio da diminuição do ritmo de redução do balanço de ativos do Fed. Em junho, ao passar de US\$ 60 bilhões para US\$ 25 bilhões, a redução mensal do estoque dos Treasuries diminuirá o aperto da liquidez.

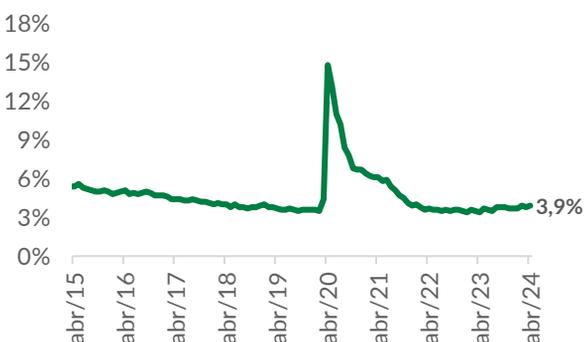
Um alívio mais significativo ao humor de mercado foi obtido com os números do payroll. Em abril, foram criadas 175 mil vagas de trabalho fora do setor agrícola, número bem abaixo das expectativas de mercado (243 mil vagas pelo levantamento da London Stock Exchange Group). Paralelamente, a taxa de desemprego avançou de 3,8% em mar/24 para 3,9% e, em termos interanuais, o crescimento dos salários desacelerou de 4,1% em mar/24 para 3,9%. Porém, há ainda algumas preocupações, a média de vagas criadas nos 5 primeiros meses de 2024 ficou em 246 mil, acima do nível neutro estimado de 210 mil e próxima da média de 251 mil verificada em 2010.

Alinhando-se ao cenário de desaquecimento da economia, o índice de gerentes de compras (PMI) de serviços do Instituto ISM caiu de 51,7 em mar/24 para 51,3 em abril. Em sentido similar, o PMI industrial recuou de 50,3 para 49,2. Da mesma forma, a confiança do consumidor do Conference Board alcançou o nível mais baixo desde jul/22, o índice passou de 103,1 em mar/24 para 97,0. A deterioração ocorre a medida que os consumidores se tornam menos receptivos em relação à situação atual do mercado de trabalho e mais preocupados com as condições futuras dos negócios, disponibilidade de emprego e renda. Por outro lado, o relatório semanal de pedidos por seguro-desemprego continuou mostrando baixos níveis para padrões históricos, fechando em 208 mil na semana finda em 27 de abril, mesmo patamar da semana anterior.

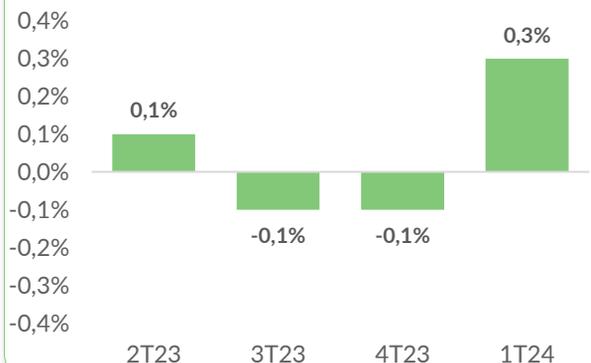
Impulsionada pelo retorno do crescimento da Alemanha e pela forte expansão da Espanha, a economia na Zona do Euro expandiu-se em 0,3% no 1T24 ante o 4T23 e 0,4% em base anual. Os números superaram as expectativas do levantamento da FactSet de uma expansão de 0,1% em ambos os critérios. Ademais, os números do 4T23 foram revisados para baixo, mostrando uma contração de -0,1%, ante a estagnação informada anteriormente. A inflação ao consumidor (CPI) de abril ficou em 2,4% a.a., inalterada em relação a mar/24 e em linha com as expectativas. A medida de núcleo do CPI, que desconsidera os preços de energia e de alimentos, era de 2,7% a.a. em abril, perdendo força ante o ganho de 2,9% a.a. em mar/24..

Na China, o PMI do setor manufatureiro recuou de 50,8 em mar/24 para 50,4 em abril, ficando acima do consenso da LSEG que previa arrefecimento para 50,3. O indicador destoou dos dados de Caixin que mostrou expansão da indústria de 51,1 em mar/24 para 51,4.

EUA - Taxa de Desemprego (% a.a.)



Zona do Euro - PIB (% a.a.)



Fonte: Bureau of Statistics | Eurostat . Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

As cotações dos ativos de maior risco apresentaram uma franca recuperação na semana, contribuindo para o bom humor: a leitura da afirmação de que não haverá elevações na taxa básica de juros; o menor ritmo mensal de redução do estoque dos *Treasuries* no balanço do Fed; e os números do *payroll*.

Como desdobramento, houve um aumento na expectativa de início da flexibilização monetária ainda em 2024. Na sexta-feira (03/05), a ferramenta FedWatch do CME Group apontava 48,8% de chance na diminuição de -0,25 p.p. nos *Fed Funds*. Considerando-se dezembro, a probabilidade de 2 reduções de -0,25 p.p. era de 37,0%, de 1 corte de 29,7% para, de 3 quedas de 20,1% e na manutenção do atual patamar entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a. de apenas 8,5%.

Com esse cenário, houve na semana redução nos retornos dos *Treasuries*: de -0,15 p.p. para 4,81% a.a. no de 2 anos, de -0,20 p.p. para 4,48% a.a. no de 5, de -0,17 p.p. para 4,50% a.a. no de 10 anos e de -0,12 p.p. para 4,66% a.a. no de 30 anos.

Em linha, e também favorecidas pelos bons desempenhos corporativos no 1T23, as principais bolsas internacionais fecharam a semana com ganhos, com elevações de 1,4% na Nasdaq, de 1,1% no Dow Jones, de 0,5% na S&P 500, de 0,9% no FTSE 100, de 0,8% no Nikkei 225 e de 0,5% em Xangai. A exceção ficou para a queda de -0,9% no DAX 40.

No mercado de *commodities*, o preço da saca de soja negociada em Chicago subiu 3,64%, enquanto a cotação do minério de ferro na bolsa de Qingdao recuou -0,97%, refletindo o temor de uma diminuição da demanda após a queda no PMI manufatureiro chinês. Por sua vez, a diminuição dos temores geopolíticos, com a redução da escalada no conflito do Oriente Médio, e o recuo da demanda, materializado com o aumento dos estoques nos EUA levaram a cotação do barril de petróleo tipo Brent a cair -7,31% para US\$ 82,96.

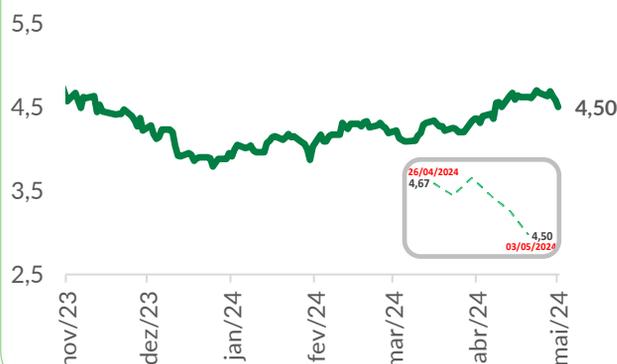
No âmbito doméstico, após 2 meses de queda, o Indicador de Incerteza (IIE-Br) da FGV subiu 2,7 pontos de mar/24 para abril, alcançando 106,5 pontos. Como fatores explicativos foram apontados: as incertezas em relação às contas públicas; e uma deterioração do cenário externo, com os conflitos no Oriente Médio e dúvidas no front monetário nos EUA. A alta do IIE-Br, no entanto, foi compensada pelo comportamento em sentido contrário do componente de expectativas, que recuou e registrou o menor nível desde 2015, influenciado pela menor dispersão das previsões para a inflação de 12 meses à frente. Apesar da alta, o indicador se mantém em patamar favorável, abaixo dos 110 pontos. Por sua vez, a Moody's elevou, de estável para positiva, a perspectiva para o rating Ba2 do Brasil, citando expectativas positivas para o crescimento econômico do país, uma consolidação gradual do cenário fiscal e uma posição externa sólida. Destacou, ainda, as melhorias do governo no arcabouço de política monetária, no fortalecimento da independência do Banco Central (BC), da melhora na governança de estatais e em medidas para aprimorar o ambiente de negócios. Ainda que seja de longo prazo, a reforma do regime tributário seria um notável passo estruturante. Com esse quadro, o risco soberano brasileiro medido pelo CDS de 5 anos recuou -12,69 bps para 139,14 bps. Ainda na semana, o Ibovespa acumulou uma alta de 1,6%, retomando o patamar de 128 mil pontos.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	03/05/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	128.509	1,6%	0,9%	25,8%
Nasdaq	16.156	1,4%	-0,7%	35,0%
S&P	5.128	0,5%	-1,6%	26,3%
Dow Jones	38.676	1,1%	-1,2%	16,7%
FTSE 100	8.213	0,9%	3,5%	6,6%
DAX 40	18.002	-0,9%	-2,0%	14,4%
Nikkei 225	38.236	0,8%	-3,1%	31,1%
Xangai	3.105	0,5%	1,2%	-7,3%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Câmbio

Após forte elevação na semana anterior, o dólar voltou a perder força no mercado global. O movimento refletiu o maior apetite de risco dos investidores com uma expectativa mais favorável para a trajetória de política monetária a ser realizada pelo Fed, traduzida em uma nova recalibragem nas apostas no início das quedas dos *Fed Funds*.

Na semana, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da moeda norte-americana frente a uma cesta de moedas de países desenvolvidos, caiu -0,86%, com apreciações de 0,29% no euro e de 0,26% na libra esterlina.

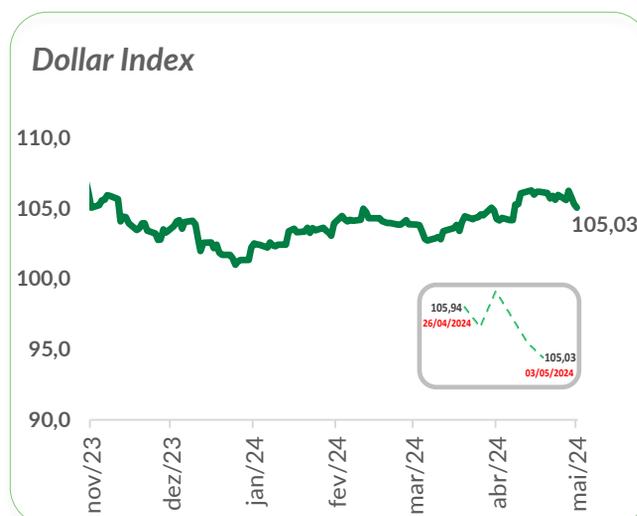
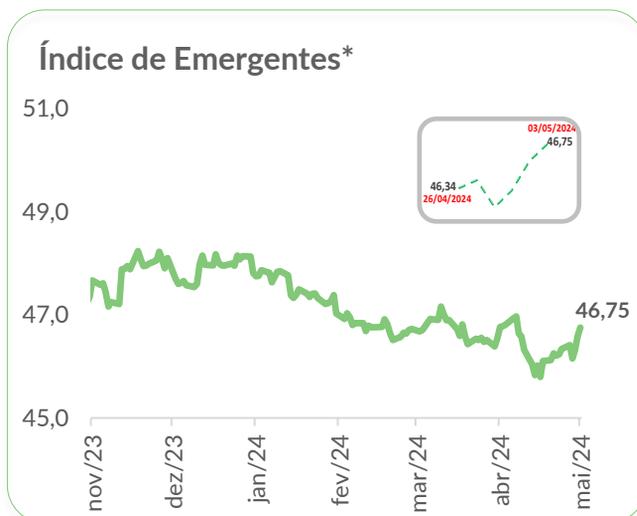
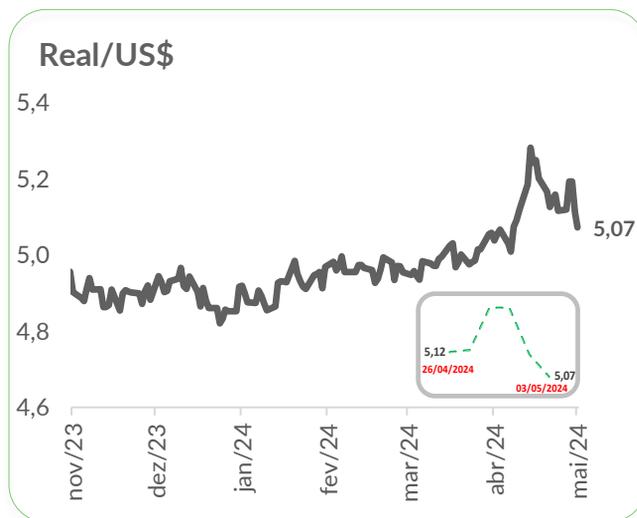
Em linha, o índice que mede a variação de uma cesta de divisas de países emergentes em relação ao dólar subiu 0,89% no período, com destaques para as apreciações de 2,74% no rand sul-africano, de 1,34% no peso mexicano, de 1,07% no peso colombiano e de 0,86% no rublo russo, além das depreciações de 0,57% no peso argentino e de 0,13% na rúpia indiana.

Com melhor desempenho do que a média de seus pares emergentes, o real se apreciou em 0,85% na semana, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,07 e alcançando o menor patamar desde 10/04/24. Na semana, o BC manteve a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/07/24.

Por fim, entre os dias 22 e 26/04/24, o fluxo cambial registrou a saída líquida de US\$ 906 milhões, decorrente da entrada de US\$ 1,33 bilhão na conta comercial e da saída de US\$ 2,24 bilhões na financeira.

*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.



Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

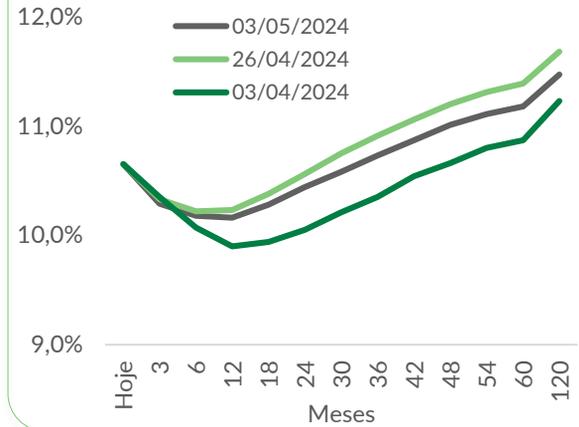
Depois de um forte estresse nas últimas semanas, as taxas futuras de juros voltaram a recuar, com a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) registrando queda em todos os vértices. Entretanto, ainda permanecem em patamar mais elevado do que o observado há 1 mês atrás.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses recuou de 10,22% a.a. para 10,18%, a de 1 ano caiu de 10,23% a.a. para 10,16%, a de 2 de 10,56% a.a. para 10,44%, a de 3 de 10,91% a.a. para 10,73%, a de 4 de 11,20% a.a. para 11,01%, a de 5 de 11,39% a.a. para 11,18% e a de 10 anos saiu de 11,68% a.a. para 11,47%.

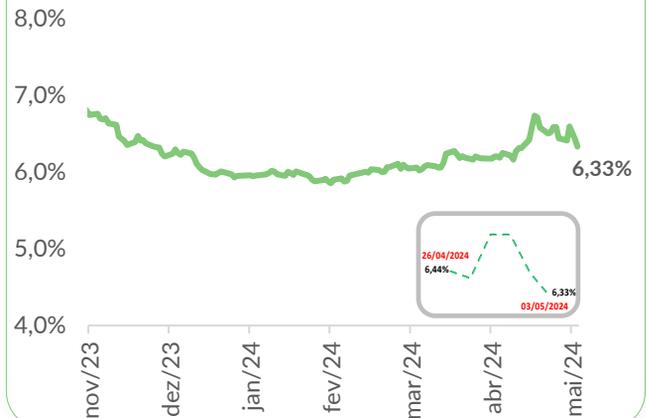
Com isso, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 6,33% a.a., o que representou uma queda de -0,11 p.p. na semana e uma alta de 0,13 p.p. em relação a 03/04. A queda neste indicador foi motivada pela redução na taxa do *swap* DI de 360 dias e pela elevação de 0,04 p.p. para 3,60% na inflação esperada para os próximos 12 meses. Porém, segue em patamar contracionista comparada à taxa neutra de 4,5% a.a. estimada pelo BC.

Finalizando, a inclinação das curvas voltou a se reduzir, com o *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, recuando -0,14 p.p. na semana, fechando em 1,31 p.p.. Também com redução de -0,14 p.p. no período, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima encerrou em 1,48 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Produção Industrial – Mar/24

Intensificando a alta mensal de 0,13% em fev/24, a produção física industrial cresceu 0,93% em março, na série com ajuste sazonal. Porém, o resultado ficou abaixo da mediana das estimativas do Valor Data, que apontava para uma alta de 1,3%. Apesar de não superar a queda de -1,14% em janeiro, a performance positiva nos 2 últimos meses aponta para uma melhora de comportamento. Vale destacar a estagnação do setor, com o indicador ficando apenas 0,45% acima do nível pré-pandemia (fev/20).

O desempenho mensal foi alavancado pelas elevações de 0,80% da indústria de transformação e de 0,23% na extrativa mineral. Diferentemente dos últimos meses, o crescimento em março concentrou-se em poucas atividades, em apenas 5 das 25 pesquisadas. Destaques para os ramos de produtos alimentícios (1,0%), produtos têxteis (4,5%) e impressão e reprodução de gravações (8,2%). Dentre as grandes categorias, ênfase para os crescimentos de bens intermediários (1,17%) e bens de consumo (0,51%), enquanto bens de consumo duráveis amargaram perdas de -4,2%.

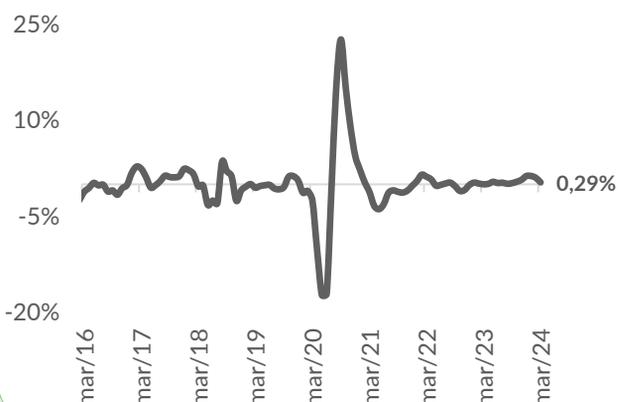
No 1T24, a produção industrial cresceu 0,29%, na série dessazonalizada, sendo um aumento de 1,03% na manufatura e queda de -3,95% na extrativa mineral. Com o dado de março, o carregamento estatístico para o 2T24 ficou em 0,67%, sendo alta de 0,69% para manufatura e queda de -0,13% para extrativa mineral.

A variação anual da produção acumulada em 12 meses apresentou uma ligeira desaceleração, saindo de 0,99% a.a. em fev/23 para 0,67% a.a. (+0,02% a.a. em mar/23).

Variação Mensal



Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Variação Anual Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Emprego – Mar/24

Superando as expectativas, o Novo Caged indicou a abertura de 244.315 vagas em março, o que representou o melhor resultado para o mês desde o início da série histórica da nova metodologia. No entanto, considerando as declarações fora do prazo, houve uma queda de -20,3% em relação a fev/24, quando foram abertos 306.708 postos de trabalho. O saldo acumulado em 12 meses foi de 1.647.505, o que significou uma queda de -14,7% em relação a mar/23.

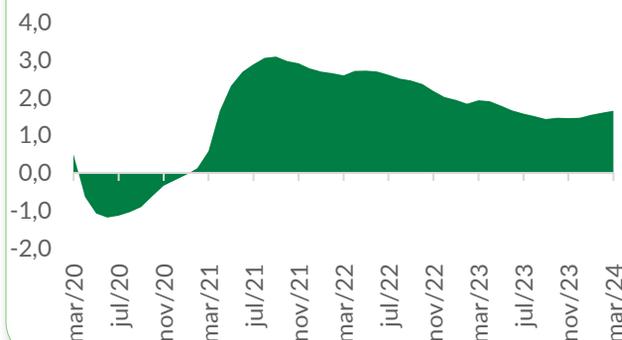
O maior destaque para o mês foi o setor de serviços, com a criação de 148.722 postos de trabalho, seguido pela criação de 37.493 postos em comércio. Já o setor de agropecuária fechou o mês com saldo negativo de -6.457, sentindo impacto de perdas de empregos nos cultivos de maçã, soja e laranja.

O salário médio de admissão ficou em R\$ 2.081,50, com uma queda real de -0,3% em relação a fev/24 e alta de 2,7% em comparação a mar/23. Dos postos criados, 60.299 postos são até 1 salário mínimo e 164.729 entre 1 e 1,5 mínimo (mais empregos de baixa qualificação).

Pela Pnad Contínua do IBGE, a taxa de desemprego era de 7,9% no trimestre encerrado em março, crescimento de 0,5 p.p. em relação ao trimestre encerrado em dez/23. No entanto, o indicador ficou abaixo dos 8,8% registrados no mesmo período de 2023. A alta da desocupação na comparação trimestral foi intensificada pelo movimento sazonal da força de trabalho.

O rendimento médio real habitual aumentou 1,5% em relação ao trimestre encerrado em dez/23, passando de R\$ 3.077 para R\$ 3.123, crescendo 4,0% na comparação anual.

Caged: Geração de Empregos
Acumulada em 12 meses – em milhões
Com declarações fora do prazo



Pnad: Taxa de Desemprego
Trimestre móvel – em % da população ativa



Pnad: Rendimento Médio Habitual
De todos os trabalhos – em R\$



Fonte: Caged/Pnad Contínua.. Elaboração ABBC

Transações Correntes – Mar/24

As contas externas continuam apresentando um bom desempenho. Em março, a grande surpresa positiva adveio das entradas líquidas de Investimento Direto no País (IDP) que totalizaram US\$ 9,59 bilhões. As operações intercompanhia foram as principais responsáveis pelo aumento do IDP em março, passando de US\$ 2,50 bilhões em mar/23 para US\$ 5,52 bilhões. O ingresso foi de 23,34 bilhões no 1T24 e para 2024, o BC estima um IDP de US\$ 70,00 bilhões. O acumulado em 12 meses de IDP foi de US\$ 66,53 bilhões (2,98% do PIB), com um crescimento de 3,5% na margem e uma queda de -11,6% em relação a mar/23.

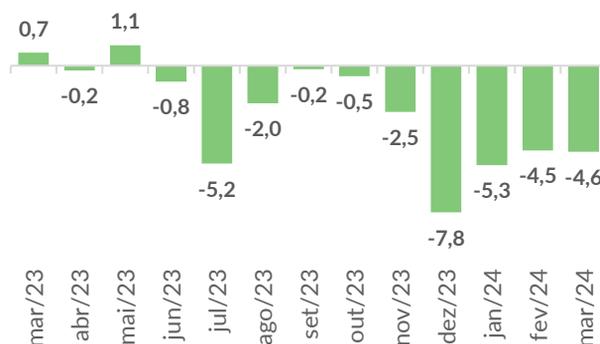
Em março, as transações correntes apresentaram um déficit de US\$ -4,58 bilhões (US\$ 0,70 bilhão em mar/23), com um aumento de 1,5% em relação a fev/24. O saldo mensal decorreu de US\$ 36,11 bilhões em receitas e US\$ 40,69 bilhões em despesas. No 1T24, o déficit foi de US\$ -14,40 bilhões ante US\$ -12,62 bilhões no mesmo período de 2023. Nessa comparação, o número foi impactado principalmente pela conta de serviços, que teve déficit de US\$ -10,69 bilhões em 2024 ante US\$ -7,63 bilhões no 1T23.

No acumulado de 12 meses, o déficit foi de US\$ -32,61 bilhões (1,46% do PIB), ante US\$ -49,32 bilhões (2,46% do PIB) em mar/23. O BC projeta um déficit em conta corrente de US\$ 48,0 bilhões. O déficit é baixo para as condições da economia, sendo integralmente financiado pelos capitais de longo prazo, principalmente o IDP.

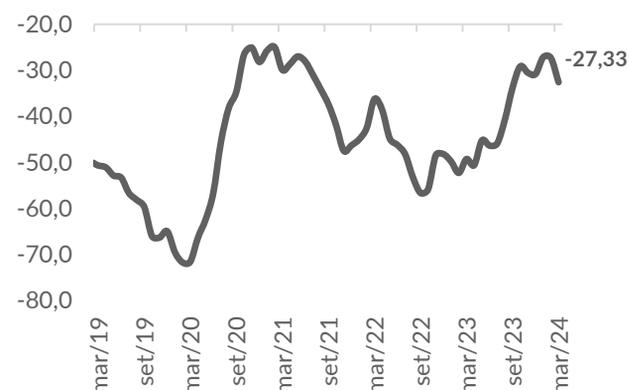
O saldo positivo da balança comercial passou de US\$ 3,30 bilhões em fev/24 para US\$ 5,12 bilhões. O déficit da conta de serviços foi de US\$ -3,67 bilhões para US\$ -3,74 bilhões. Em relação a conta de renda primária, o déficit ampliou-se de US\$ -4,25 bilhões para US\$ -5,97 bilhões.

Quanto às reservas internacionais, os valores somaram US\$ 355,0 bilhões em março, o que representou um crescimento de US\$ 2,3 bilhões em relação ao mês anterior. A alta decorreu principalmente das contribuições positivas de variações de preços de US\$ 973 milhões e por paridades de US\$ 450 milhões.

TC - Saldo Mensal
Em US\$ bilhões



TC - Saldo Acumulado em 12 meses
Em US\$ bilhões



IDP - Saldo Acumulado em 12 meses
Em US\$ bilhões



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Estatísticas Fiscais – Mar/24

Após registrar um déficit de R\$ -48,7 bilhões em fev/24, o setor público consolidado apresentou superávit de R\$ 1,2 bilhão em março (R\$ -14,2 bilhões em mar/23), resultado que superou a expectativa de déficit de R\$ -1,55 bilhão apontada no levantamento da Reuters. O montante decorreu de um déficit de R\$ -1,9 bilhão do governo central, superávit de R\$ 3,4 bilhões dos governos regionais e o saldo negativo de R\$ 343 milhões das empresas estatais.

No mês, as despesas com juros foram de R\$ 64,2 bilhões contra R\$ 65,2 bilhões em fev/24 (R\$ 65,3 bilhões em mar/23), fazendo com que o déficit nominal passasse de R\$ 113,85 bilhões em fev/24 para R\$ 63,0 bilhões (R\$ 79,5 bilhões em mar/23).

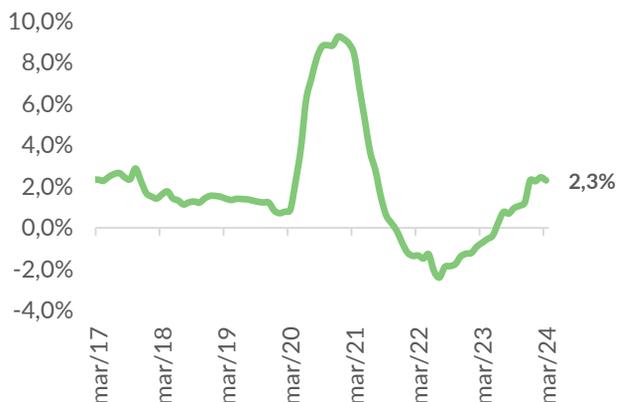
Considerando-se o acumulado em 12 meses, o déficit primário foi de R\$ -252,9 bilhões, contra R\$ 268,2 bilhões em fev/24 (superávit de R\$ 74,8 bilhões em mar/23), o equivalente a 2,29% do PIB (-0,15 p.p. em relação a fev/24). Deste resultado, R\$ -273,4 bilhões decorreram do governo central, R\$ +23,3 bilhões dos governos regionais e R\$ -2,7 bilhões das empresas estatais. Na mesma base comparativa, as despesas com juros passaram de R\$ 746,9 bilhões em fev/24 para R\$ 745,7 bilhões (R\$ 641,7 bilhões do governo central, R\$ 98,6 bilhões dos governos regionais e R\$ 5,4 bilhões das estatais).

A Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) acumulada em 12 meses ficou em 61,1% do PIB em março, o que representou altas de 0,2 p.p. no mês (+5,2 p.p. em 12 meses). O desempenho mensal contou com as contribuições de +0,6 p.p. dos juros nominais apropriados, além das quedas de -0,1 p.p. do efeito do ajuste de paridade da dívida externa e -0,2 p.p. da variação do PIB nominal. Já a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) ficou em 75,7% do PIB, com altas de 0,2 p.p. no mês (+4,2 p.p. em 12 meses), influenciado pelas contribuições de +0,6 p.p. dos juros nominais apropriado, além das reduções de -0,2 p.p. do resgate líquido da dívida e de -0,2 p.p. da variação do PIB nominal.

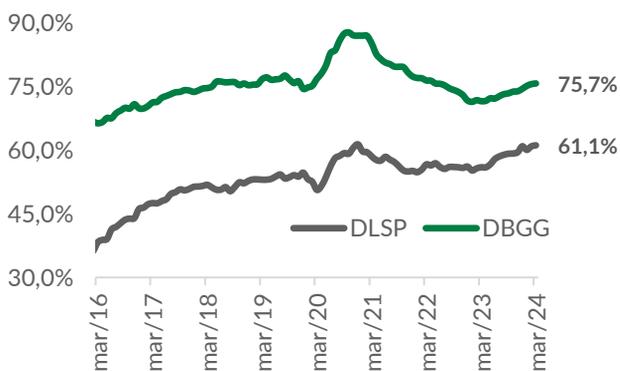
Déficit Primário Mensal
Em R\$ bilhões



Déficit Primário
Acumulado em 12 meses – em % do PIB



Evolução da Dívida
Acumulada em 12 meses – em % do PIB



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Demanda por Crédito Serasa – Mar/24

Segundo dados divulgados pela Serasa Experian, a busca dos consumidores por crédito registrou uma queda de -5,6% em março, em relação a mar/23, após recuar -0,2% em fev/24.

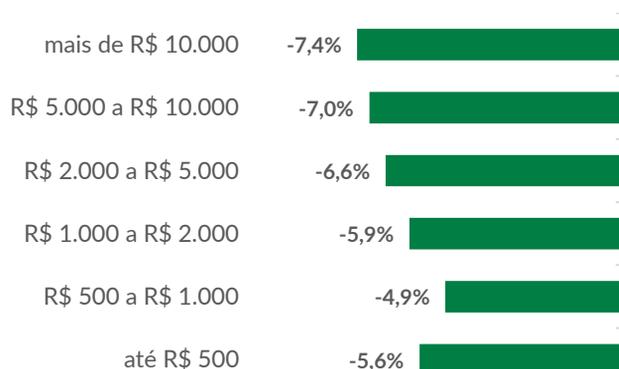
A despeito dos impactos graduais da redução da taxa de juros e da inflação, a inadimplência se mantém elevada, dificultando a aquisição de recursos financeiros por parte dos consumidores.

O levantamento por faixa de renda mostrou que as pessoas que ganham acima de R\$ 10 mil apresentaram queda mais expressiva em relação a mar/23, de -7,4%. Em seguida, figuram aquelas que ganham entre R\$ 5 mil e R\$ 10 mil, com redução de -7,0%.

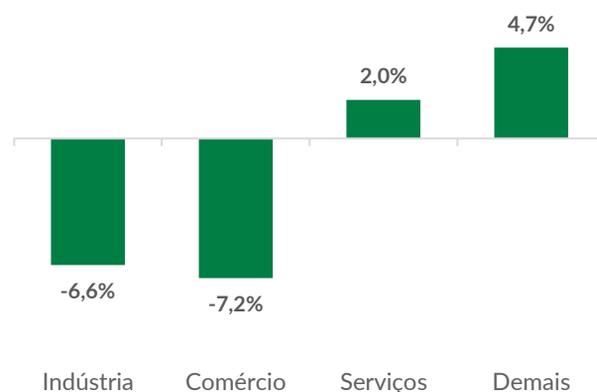
Dentre os setores, na mesma base comparativa, o comércio registrou queda de -7,2%, enquanto a indústria retraiu -6,6%. Por sua vez, houve alta de 2,0% em serviços e de 4,7% nos demais setores. Por porte, a demanda por crédito das micros e pequenas empresas (MPE) recuou -3,0%, enquanto nas médias cresceu 17,9% e nas grandes 14,0%.

Ainda, foram observadas retrações em 23 das 27 Unidades Federativas (UFs) do país, com destaque para o Distrito Federal (-16,4%) e Grande do Sul (-2,6%).

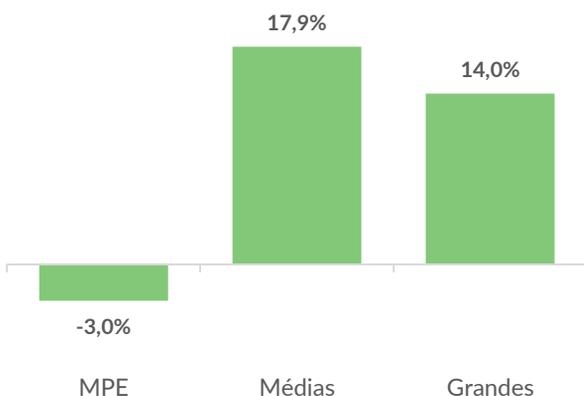
Por Faixa de Renda Variação interanual



Por Setor Variação interanual



Por Porte Variação interanual



Fonte: Serasa Experian.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,7
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	7,5
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,8
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-32,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	67,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,9
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688